

PARTICIPAÇÃO FEMININA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA REFLEXÃO ATRAVÉS DO PIBID

Autores: Vinícios Rocha Fernandes, Gabriel Euzébio Moraes da Costa, José Williams dos Santos Lima, Lucas Alvarenga Noda, Dorival Cesare Júnior, Elessandro Váguino de Lima.

Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Educação e Artes/ Educação Física, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil,
vinicrochafernandes@gmail.com, gc908260@gmail.com, williamslima325@gmail.com,
lucasnodaa@hotmail.com, jcesare@univap.br, dede@univap.br.

Resumo

O estudo analisou a participação feminina na Educação Física escolar, refletindo sobre desigualdades históricas de gênero e seu impacto na autoestima das alunas. Utilizou-se revisão bibliográfica sobre a história da Educação Física e práticas pedagógicas, complementada por observação direta no PIBID, registrando comportamentos e percepções das estudantes. Os resultados indicam que, embora muitas meninas demonstrem habilidades equivalentes ou superiores aos meninos, sua participação ainda é limitada por estereótipos e por um currículo tradicionalmente estruturado em torno de atividades mais valorizadas pelos meninos, enquanto ginástica, dança e brincadeiras recebem menor espaço e atenção. Além disso, barreiras culturais influenciam a autoestima esportiva feminina, restringindo seu protagonismo. A experiência no PIBID mostrou-se fundamental para a formação crítica de futuros professores, permitindo refletir sobre estratégias pedagógicas mais inclusivas. Conclui-se que repensar o currículo e as práticas em Educação Física é essencial para promover equidade e incentivar a participação e autoestima das alunas.

Palavras-chave: Gênero. Escola. Educação Física. Exclusão. Esportes.

Área do Conhecimento: Humanas (INID)

Introdução

Uma vida saudável e justa a todos é de garantia de todos os brasileiros, respaldada pela constituição federal de 1988. Ou seja, mesmas condições a todos, sem distinção de sexo, cor, raça ou orientação sexual, mas uma das mazelas que assola a sociedade brasileira é a desigualdade de gênero. A desigualdade de gênero é um fenômeno social que consiste no preconceito contra o próximo em detrimento de seu gênero, julgando o outro menos competente, isso gera diversos impactos sociais, políticos e de liberdade (Theodoro, 2020). Esse fenômeno atinge em especial mulheres, que historicamente passaram por um processo de dominação e cerciamento de seus corpos e liberdade. Esse fato social ainda reverbera atualmente em diversos setores da sociedade, inclusive dentro das salas de aulas. A Educação Física escolar tem passado por uma série de mudanças ao longo dos anos, muitas dessas mudanças deveriam construir um ambiente saudável para práticas físicas de forma igualitária para ambos os sexos (Soares, 2021). Porém, mesmo 54 anos após a Educação Física se tornar obrigatória em ambientes escolares ainda se observa diversos impasses socioculturais para se atingir determinado objetivo. A baixa adesão a participação nas aulas, a reprodução de papéis estereotipados e falta de estímulos relevam que equidade ainda é um desafio a ser enfrentado dentro das aulas de Educação Física. Essas observações foram feitas através do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) um programa que oferece ao estudante de licenciaturas a oportunidade de vivenciar a realidade escolar ainda na graduação, desenvolvendo além de

metodologia pedagógicas um olhar crítico e reflexivo sobre fenômenos sociais que acontecem dentro das escolas públicas.

Objetivo geral

Este estudo tem como objetivo geral refletir sobre a participação feminina na Educação Física escolar, considerando as desigualdades históricas e contemporâneas de gênero que ainda se manifestam no contexto educacional. A investigação se apoia nas experiências realizadas no âmbito do PIBID, que possibilitam uma aproximação prática com o cotidiano escolar e permitem analisar como essas experiências influenciam a percepção e a atuação de futuros professores frente às questões de equidade. Espera-se que a análise contribua para compreender melhor os desafios enfrentados pelas meninas na Educação Física e propor reflexões sobre práticas pedagógicas mais inclusivas, fortalecendo a discussão sobre gênero no espaço escolar.

Objetivo específico

1. Identificar situações de exclusão ou estereótipos de gênero observados nas aulas de Educação Física;
2. Relacionar essas observações com a literatura acadêmica sobre gênero e Educação Física;
3. Refletir sobre o papel do PIBID na formação de futuros professores que pensem criticamente sobre justiça social e equidade esportiva.

Justificativa

Fenômenos sociais tem raízes históricas, que moldam uma sociedade para determinado pensamento, ação ou hábito. Quando pensamos em preconceito e exclusão de determinado grupo social, vale analisar as causas estruturais do impasse, e se questionar das raízes da problemática. O afastamento do público feminino das aulas de educação física têm suas raízes históricas, que estão ligadas a história da Educação Física (Zavatto; Vasconcelos, 2022). Destaca-se no processo histórico formador da Educação Física escolar seu cunho higienista e ligado com a ideia de eugenia, passando a ideia que de apenas os mais fortes, atléticos e resistentes deveriam ter acesso as práticas físicas, colocando como indesejáveis muitos daqueles que não eram considerados padrões e assim, deveriam ser segregados ou que se impedissem sua reprodução, numa lógica não científica para embranquecimento e melhora genética da população brasileira (Soares, 2021). A educação física não foi bem vista para a alta classe da época colonial, pois era relacionada com um trabalho braçal, mas a justificativa eugenica se perpetuou, assim excluindo ainda mais pessoas, não só apenas as mulheres das práticas físicas escolares, sendo assim, as mulheres eram consideradas frágeis e delicadas, esteriótipo da feminalidade que impedia a inserção das meninas nas aulas (Soares, 2021). Um marco importante foi a Reforma de Rui Barbosa em 1882, que defendia a inclusão da ginástica nas escolas para ambos os sexos, porém na prática, a participação feminina ficou restrita a dança e ritmos, evidenciando que o preconceito ainda existia mesmo quando a aula mista passou a ser colocada em prática (Zavatto; Vasconcelos, 2022). Nas décadas seguintes, especialmente após os anos de 1970 e 1980, o movimento de luta pelo direito das mulheres ajudaram a ampliar a participação feminina em atividades físicas e esportivas, contudo, o passado das práticas físicas sempre estarão manchados pelas repressões de cunho militar e pela exclusão de determinados grupos em espaços esportivos, práticas que ainda reverberam em todos os espaços esportivos, desde das quadras escolares a quadras olímpicas (Machado, 2022). O estudo histórico surgiu a partir da necessidade de se entender porque nas aulas de Educação Física que os bolsistas acompanham as meninas sempre são o gênero menos participativo em aula, sendo que as atividades propostas são viáveis a todos, de forma justa. O olhar histórico formador da Educação Física escolar serve como um norte para se entender e justificar problemas que como descritos, são estruturais.

Metodologia

O método utilizado neste estudo foi a revisão bibliográfica, por meio da qual foram analisados textos e pesquisas que abordassem a história da Educação Física escolar, com ênfase na participação

feminina em espaços esportivos ao longo do tempo. Essa abordagem permitiu compreender os fatores históricos e sociais que contribuíram para a baixa adesão das meninas às atividades físicas, fornecendo um panorama teórico consistente para a análise das observações realizadas. Complementarmente, realizou-se observação direta do interesse e da participação das alunas nas aulas do programa de iniciação à docência (PIBID). Durante esse processo, foram registradas interações, comportamentos e atitudes das estudantes, além de coletadas impressões em conversas informais, que revelaram barreiras sutis à participação. Foi possível notar que muitas alunas não se sentem plenamente encorajadas a se engajar em determinadas práticas esportivas, situação que, em parte, reflete padrões sociais em que os meninos ocupam um papel mais dominante, com maior autoestima e maior visibilidade nos espaços esportivos. Essas observações, alinhadas à revisão bibliográfica, forneceram subsídios importantes para refletir sobre desigualdades de gênero e sobre estratégias pedagógicas que favoreçam a equidade na Educação Física escolar.

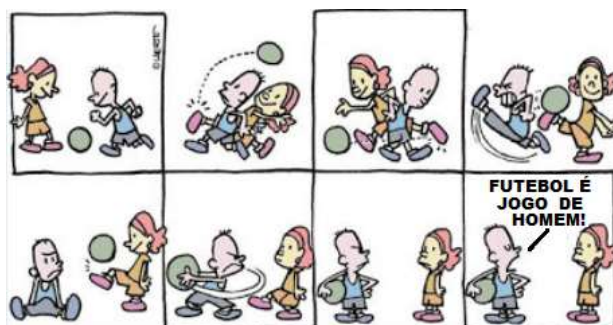
Discussões

Para muitas pessoas, ainda persiste a ideia de que as meninas são menos habilidosas, fortes e resistentes nas aulas de Educação Física, atribuindo essas capacidades predominantemente aos meninos e reforçando, assim, a percepção de superioridade masculina na sociedade (Matos, 2016). No entanto, tal concepção é questionável e infundada, pois o desempenho físico não é determinado pelo gênero, mas sim pelas oportunidades de prática e exposição aos esportes. Quando as meninas têm acesso a treinamentos, tempo adequado de prática e espaços planejados para o desenvolvimento físico, seu desempenho pode se equiparar ao dos meninos.

A realidade escolar, entretanto, frequentemente reflete uma estrutura pensada sob uma ótica masculina, na qual as atividades físicas são moldadas por padrões de dominação e hegemonia masculina. Nesse contexto, a feminilidade acaba sendo associada à não participação ou à limitação da atuação nas aulas, como se a prática física pudesse “masculinizar” as meninas. Essa lógica de exclusão é observada em diversos contextos e também foi registrada nas aulas acompanhadas pelos bolsistas do presente estudo, evidenciando que a cultura escolar ainda restringe a presença feminina nas práticas corporais, reforçando estereótipos de gênero que precisam ser questionados.

A autoestima das alunas nas aulas de Educação Física muitas vezes é condicionada por padrões de gênero internalizados desde cedo, que associam determinadas habilidades físicas exclusivamente aos meninos. Enquanto muitos garotos se percebem capazes de se tornarem atletas profissionais e confiam em sua competência nos esportes, as meninas frequentemente não desenvolvem a mesma confiança ou ambição esportiva, mesmo quando demonstram habilidade equivalente ou superior (Machado, 2022). Esse fenômeno pode ser observado em situações cotidianas nas aulas, como ilustrado na Figura 1, onde uma aluna supera um colega em uma atividade de futebol, e o garoto, incapaz de lidar com a situação, reage desvalorizando sua performance. Esse tipo de atitude evidencia que a autoestima no contexto esportivo não depende apenas das competências individuais, mas também das expectativas sociais e culturais, que reforçam hierarquias de gênero e limitam o potencial de participação plena das meninas. Assim, trabalhar a autoestima feminina nas aulas de Educação Física é fundamental para criar um ambiente inclusivo, que valorize o desempenho de todos os estudantes e desafie estereótipos arraigados.

Figura 1 - Charge



Fonte : Folha de São Paulo (2010)

Segundo Pedro Zavatto e Valéria Vasconcelos et al. (2022), 62% dos garotos tendem a normalizar a suposta falta de habilidade das garotas nos esportes como algo fisiológico, sem questionar criticamente os fatores estruturais que moldam essa percepção. Esse dado evidencia que a desigualdade de gênero não se restringe às capacidades individuais, mas está profundamente enraizada no currículo escolar e na forma como as aulas de Educação Física são organizadas. Muitas vezes, o currículo se apresenta de forma extremamente esportivizada, com foco em modalidades tradicionais e competitivas, sem contemplar dinâmicas variadas, conteúdos fundamentais ou atividades que incentivem a participação de todas/os.

Essa configuração curricular favorece práticas mais atrativas aos meninos, enquanto modalidades historicamente associadas às meninas, como ginástica, dança e brincadeiras, acabam sendo subvalorizadas ou relegadas a segundo plano. Portanto, a questão não se trata de criar “esportes feminilizados”, mas de pensar o currículo de maneira inclusiva e completa, oferecendo às alunas e aos alunos possibilidades diversas de práticas esportivas e corporais. Um exemplo disso é a persistência de padrões tradicionais, em que futsal é frequentemente destinado aos meninos e vôlei às meninas, reforçando estereótipos de gênero e limitando o desenvolvimento pleno das habilidades de todos os estudantes. Repensar essa organização significa criar um ambiente de aprendizagem mais equitativo, que reconheça diferenças, incentive a participação e valorize a diversidade de experiências corporais dentro das aulas de Educação Física

Conclusão

Este estudo evidencia que a participação feminina na Educação Física escolar ainda é marcada por desigualdades históricas e culturais, refletindo padrões de dominação masculina que se mantêm ao longo do tempo. A análise das práticas pedagógicas e a observação direta realizadas no âmbito do PIBID demonstram que, mesmo em espaços escolares modernos, as meninas ainda enfrentam barreiras que limitam sua participação e comprometem a construção da autoestima esportiva. Nesse contexto, o programa de iniciação à docência revela-se uma ferramenta fundamental para a formação crítica de futuros professores, permitindo não apenas a compreensão teórica das desigualdades de gênero, mas também a reflexão prática sobre estratégias pedagógicas inclusivas. Ao considerar a história da Educação Física, o currículo escolar e as experiências concretas no PIBID, este artigo reforça a necessidade de repensar as aulas e modalidades oferecidas, promovendo oportunidades equitativas e um ambiente de aprendizagem que valorize o protagonismo de todas as alunas e alunos, contribuindo para a construção de uma Educação Física mais justa e inclusiva.

Referências

MACHADO, A. C. Mulheres e esportes: desafios históricos e atuais. São Paulo: [Editora], 2022.

MATOS, F. A. Gênero e Educação Física escolar: reflexões críticas. Rio de Janeiro: [Editora], 2016.

SOARES, C. L. História da Educação Física no Brasil: entre o higienismo e a eugenia. Campinas: [Editora], 2021.

THEODORO, L. S. Desigualdade de gênero e educação: perspectivas sociais. Belo Horizonte: [Editora], 2020.

ZAVATTO, P.; VASCONCELOS, V. Educação Física e gênero: exclusão e resistências no espaço escolar. Porto Alegre: [Editora], 2022.